



# **Nova Teoria da Comunicação e Peirce: um diálogo possível**

## *New Theory of Communication and Peirce: a possible dialogue*

Francisco José Paoliello Pimenta<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), pós-doutorado em Comunicação (Unisinos) e professor titular da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Email: [paoliello@acessa.com](mailto:paoliello@acessa.com)

**Resumo:** este artigo se insere em discussões na esfera da Epistemologia da Comunicação iniciadas na década passada pelo pesquisador Ciro Marcondes Filho, ao criticar “os equívocos” da obra de Charles S. Peirce, e, especialmente, ao propor, em 2012, a interrupção dos estudos dedicados ao pragmatismo. Em contraste com os esforços de apontar equívocos nessas críticas, este estudo apresenta e testa, por meio de pesquisa bibliográfica, a hipótese de que existem possíveis aproximações entre a Nova Teoria da Comunicação, proposta por Marcondes, e a teoria peirceana. Apesar de também ocorrerem diferenças significativas, as várias aproximações encontradas conduzem à conclusão de que talvez fosse mais produtivo um trabalho conjunto de esclarecimento dos temas tratados em lugar de propostas de supressão de tendências com pressupostos diferentes.

**Palavras-chave:** comunicação; epistemologia da comunicação; pragmatismo.

**Abstract:** this study is part of the discussion in the area of the Epistemology of Communication initiated in the last decade by the researcher Ciro Marcondes Filho, in criticizing “the misconceptions” of Charles S. Peirce’s work, and mainly by proposing, in 2012, the interruption of studies devoted to the pragmatism contrast to the efforts to point out mistakes in these criticisms, it presents and tests, by means of bibliographic research, the hypothesis that there are even possible links between the New Theory of Communication, proposed by Marcondes, and Peirce’s theory. Although there are also significant differences, the similarities found lead to the conclusion that it might be more productive a joint clarification of the issues addressed instead of the suppression of other proposals with different assumptions.

**Keywords:** communication; epistemology of communication; pragmatism.

## Introdução

Esse texto tem o propósito de dar continuidade ao debate epistemológico aberto pelo pesquisador Ciro Marcondes Filho sobre a relevância da obra de Peirce para a esfera dos estudos da Comunicação e, seu objetivo, em lugar de se colocar como contraposição a suas ideias, é de oferecer um diálogo. Iniciadas com trabalho publicado no início da década passada (MARCONDES, 2004b), essas discussões foram aprofundadas com a publicação do artigo “Esquecer Peirce? Dificuldades de uma teoria da comunicação que se apoia no modelo lógico e na religião”, em dezembro de 2012 (MARCONDES, 2012b). O debate prosseguiu com uma réplica por parte do pesquisador Winfried Nöth, publicada em junho de 2013 (NÖTH, 2013) no número seguinte da mesma revista, que apresentou, também, a segunda parte da argumentação de Marcondes (MARCONDES, 2013a).

O artigo de Nöth, intitulado “A teoria da comunicação de Charles S. Peirce e os equívocos de Ciro Marcondes Filho” se ocupa, sobretudo, em responder à argumentação de que a obra de Peirce teria pouca aplicabilidade ao campo da Comunicação (NÖTH, 2013). Nöth é uma das maiores autoridades em semiótica em todo o mundo, conhecedor de suas diversas vertentes, tendo sido o autor do principal Manual de Semiótica já publicado. Nessa réplica, além de afirmar a relevância de Peirce para a Comunicação, ele procura, ainda, apontar o que classifica como equívocos de Marcondes em relação à teoria que busca criticar.

Não é nosso objetivo retomar tal debate, que constitui, a nosso ver, uma tarefa impraticável em vista da profusão de incompreensões dos conceitos peirceanos nos textos de Marcondes, comprometendo qualquer tipo de resposta, por mais completa que possa ser. Tampouco visamos, aqui, desqualificar o propósito principal de suas críticas, uma vez que é também um importante especialista na área, com publicações, projetos e iniciativas de grande relevância, e esses trabalhos constituem esforços oportunos de constituição e fortalecimento do campo da Comunicação.

O problema principal desses artigos, a nosso ver, decorre da estratégia questionável de Marcondes de criticar a obra monumental de Peirce a partir de outros autores, alguns dos quais até mesmo sem a necessária perícia, conforme aponta Nöth. O fato de que sua argumentação carece de uma compreensão clara das fontes originais o deixa sem recursos imprescindíveis para a crítica e, até mesmo, para a tarefa de apresentação de alguns conceitos peirceanos básicos.

Em decorrência disso, nesses artigos, Marcondes sequer se refere ao pragmatismo, centro de toda a arquitetura filosófica de Peirce, limitando-se a

breves e equivocadas associações com o pragmatismo de William James. Além disso, deixa de considerar outros pontos centrais desse pensamento, como o falibilismo, o sinequismo, as críticas ao conceptualismo e ao cartesianismo, detendo-se em considerações sobre a semiótica. Contudo, surpreendentemente, é sobre a base do pragmaticismo – sua teoria perceptiva e sua Analítica, ou Gramática Especulativa – que caminharemos a seguir para testar a hipótese de que a obra de Peirce tem pontos interessantes de contato com a Nova Teoria da Comunicação e, portanto, de tratamento de questões do campo comunicacional.

### O pragmaticismo e a ideia da razoabilidade

O pragmaticismo, termo cunhado por Peirce para desvincular seu pensamento das vertentes vulgares do pragmatismo que havia fundado, é um método que visa harmonizar a obtenção do conhecimento com a lógica natural, de âmbito universal, na qual estamos inseridos. Dadas nossas limitações em percebê-la, trabalhamos com os padrões mais gerais que podemos conceber a cada etapa de nosso desenvolvimento, a partir dos mais variados recursos dos quais dispomos, das produções estéticas ao pensamento técnico e científico.

Peirce nomeou essa lógica de “Razoabilidade”, ou razão da natureza, na medida em que a compreendia como uma espécie de pensamento universal que compartilhamos. Para harmonizarmos nossa mente com ela, o pragmaticismo propõe uma articulação triádica da Lógica, tal como usualmente é compreendida, com uma Ética e uma Estética, também com características universais. Peirce descreve assim tais ciências:

O belo é concebido como relativo ao gosto humano, o certo e o errado são ligados somente à conduta humana, a lógica lida com o raciocínio humano. Na verdade, essas ciências certamente são de fato ciências da mente. Porém, a filosofia moderna nunca foi suficientemente capaz de se livrar da ideia Cartesiana de mente, como algo que “reside” – e esse é termo – na glândula pineal. Todos riem disso hoje em dia, e ainda assim todos continuam a pensar na mente dessa mesma maneira em geral, como uma coisa dentro dessa ou daquela pessoa, pertencendo a ela e correlata ao mundo real. [...] Eu posso apenas sugerir que se alguém refletir sobre isso, sem estar dominado por ideias pré-concebidas, logo começará a perceber que é uma visão muito estreita de mente<sup>2</sup>. (Peirce, 1931-58, 5.128, tradução nossa)

<sup>2</sup> No original: “The beautiful is conceived to be relative to human taste, right and wrong concern human conduct alone, logic deals with human reasoning. Now in the truest sense these sciences certainly are indeed sciences of mind. Only, modern philosophy has never been able quite to shake off the Cartesian

Assim, de acordo com o pragmaticismo, na medida em que conseguimos comunicar combinando as três ciências normativas, nos aproximamos do processo da significação mais completo que podemos conceber, o Interpretante Lógico Último, ou seja, o fluxo contínuo de mudanças de hábitos mais próximo possível da Razoabilidade.

Em vista de nosso objetivo de verificar possíveis conexões entre a Nova Teoria da Comunicação de Marcondes e o pragmaticismo, torna-se importante ressaltar que, segundo Peirce, a base principal para se atingir tal harmonia com a lógica da natureza encontra-se nas relações estéticas. É nessa esfera que o processo comunicacional se aproxima do admirável, do *Kalós*, do *Summum Bonum*, ou seja, da adoção espontânea de uma ideia pela mente coletiva como a mais adequada às circunstâncias, sem nenhuma razão em especial a não ser a noção instintiva de sua adequação. Diz Peirce (1931-58, 2.199):

Mas, para apresentar a questão da estética em sua pureza, devemos eliminar dela não apenas todas as considerações acerca de esforço, mas todas as considerações sobre ação e reação, incluindo toda consideração acerca de nossa recepção do prazer, tudo, em síntese, que pertença à oposição entre *ego* e *non-ego*. Não temos em nossa língua uma palavra com a generalidade requisitada. O grego *kalós*, o francês *beau* apenas se aproximam, sem atingi-la exatamente. “*Fine*” seria uma pobre substituta. Belo é mau, porque um modo de ser *kalós* depende essencialmente da qualidade ser não-bela. Talvez, contudo, a frase “o belo do não belo” não fosse ofensivo. Mas “beleza” é muito superficial ainda<sup>3</sup>. (PEIRCE, 1931-58, 2.199).

Nessa mesma sequência de pensamentos, Peirce enfatiza, então, a relevância das considerações estéticas nos processos sógnicos, afirmando, dessa forma, que a compreensão de como se dá a comunicação a tem como elemento principal:

---

idea of the mind, as something that ‘resides’ – such is the term – in the pineal gland. Everybody laughs at this nowadays, and yet everybody continues to think of mind in this same general way, as something within this person or that, belonging to him and correlative to the real world. [...] I can only hint that if you reflect upon it, without being dominated by preconceived ideas, you will soon begin to perceive that it is a very narrow view of mind”.

<sup>3</sup>No original: “But in order to state the question of esthetics in its purity, we should eliminate from it, not merely all consideration of effort, but all consideration of action and reaction, including all consideration of our receiving pleasure, everything in short, belonging to the opposition of the *ego* and the *non-ego*. We have not in our language a word of the requisite generality. The Greek {*kalos*}, the French *beau*, only come near to it, without hitting it squarely on the head. ‘Fine’ would be a wretched substitute. Beautiful is bad; because one mode of being {*kalos*} essentially depends upon the quality being unbeautiful. Perhaps, however, the phrase ‘the beauty of the unbeautiful’ would not be shocking. Still ‘beauty’ is too skin-deep”.

A questão da estética é, usando o termo Kalós (do grego, “admirável”): Qual é aquela qualidade que, na sua presença imediata, é Kalós? A ética deve depender dessa questão, assim como a lógica depende da ética. A estética, portanto, embora eu a tenha negligenciado terrivelmente, parece ser, possivelmente, a primeira e indispensável propedêutica para a lógica, e a lógica da estética parece ser uma parte distinta da ciência lógica que não deve ser omitida<sup>4</sup>. (PEIRCE, 1931-58, 2.199).

Dessa forma, na medida em que articulamos a lógica, a ética e, principalmente, a estética ao interpretarmos relações sógnicas de referências a contextos, nos colocamos em melhores condições de mudar hábitos em harmonia com a dinâmica admirável da razão da natureza. Assim, quanto mais esses processos seguirem tal Razoabilidade, mais próximos estarão de sua máxima efetividade comunicacional.

### **Pragmaticismo, estética e percepção**

Um dos principais desenvolvimentos da Estética de Peirce está em sua teoria da percepção. Segundo ele, os processos sógnicos têm início a partir da ambiência que constitui a memória recente sobre a qual os seres que a habitam desenvolvem sentimentos, ações e pensamentos. Aparentemente internas e derivadas de personalidades individuais, essas possibilidades sógnicas, ou *Poneceptos*, se devem, predominantemente, ao contexto vivo no qual eles estão imersos.

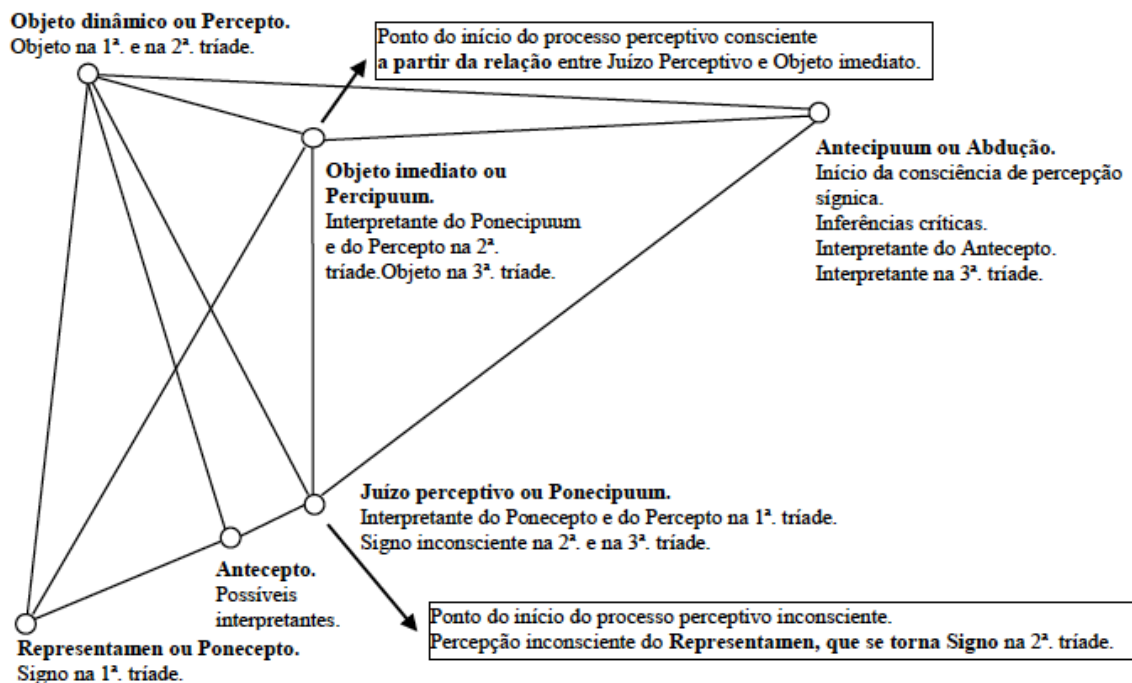
Igualmente autônomos são, em sua esmagadora maioria, os objetos aos quais se referem. Portanto, os temas a ser comunicados, como *Objetos Dinâmicos*, ou *Perceptos*, não se limitam ao que é percebido por uma mente interpretadora, restando sempre algo de desconhecido, de novo. Esses aspectos, contudo, se forçam sobre a percepção e, aos poucos, vão sendo incorporados.

Essa etapa perceptiva inclui, ainda, os *Anteceptos*, ou seja, qualidades vagas e interpretantes imediatos meramente possíveis. Quando percebidos, tornam-se indubitáveis, já como *Juízos Perceptivos*, abrindo caminho para a consciência de que aquelas ocorrências singulares constituem parte de algo geral.

---

<sup>4</sup>No original: “Using {kalos}, the question of esthetics is, What is the one quality that is, in its immediate presence, {kalos}? Upon this question ethics must depend, just as logic must depend upon ethics. Esthetics, therefore, although I have terribly neglected it, appears to be possibly the first indispensable propedeutic to logic, and the logic of esthetics to be a distinct part of the science of logic that ought not to be omitted”.

## Quadro 1: o processo perceptivo segundo o pragmaticismo



É a partir dessa experiência imediata que se passa à noção de alteridade, de existência de um fenômeno novo, por meio do Ponecipuum, ou Juízo Perceptivo. Um conjunto de qualidades de tal novidade é, então, associado, por mera semelhança, a uma possível classe geral já conhecida. São dois processos interpretativos inconscientes, um formando o Juízo Perceptivo, e outro o Objeto imediato, que, reunidos por similaridade, iniciam a percepção consciente.

Assim, a partir da observação do objeto, é obtida uma coligação inicial de ideias, fundamental para a efetividade do processo. A transição entre os Juízos Perceptivos, como premissas iniciais, e possíveis inferências abduativas que conduzem a uma compreensão lógica, como explicação hipotética, pode ser identificada pelos primeiros estarem abaixo de qualquer controle possível. A Abdução marca o início do processo de raciocínio consciente, ainda que extremamente frágil, como mera sugestão de uma possível articulação de ideias.

Da relação entre o signo percebido e seu possível objeto pode surgir, então, uma combinação absolutamente nova, nunca imaginada. O *flash* vem da junção dos primeiros interpretantes do signo, os Juízos Perceptivos e os Objetos

Imediatos, e constitui uma imagem mental que lampeja, brilha em simplicidade, por seu *Lume Naturale*.

### Uma possível aproximação

A proposta de Marcondes de uma Nova Teoria da Comunicação, a exemplo do pragmaticismo de Peirce, também enfatiza a esfera da estética para que ocorra a comunicação e, daí, igualmente, se volta para processos perceptivos. Uma das raízes dessa aproximação de perspectivas poderia ser aparentes similaridades apontadas por alguns entre a teoria perceptiva de Peirce e o intuicionismo do filósofo Henri Bergson, uma das principais referências da Nova Teoria.

A relação da proposta de Marcondes com Bergson aparece já no resumo de artigo apresentado ao congresso da Compós em 2012, intitulado “A comunicação no sentido estrito e o Metáporo: ou porque a Nova Teoria não é estudo de recepção, etnografia nem tem a ver com Edgar Morin”, no qual afirma:

Desde a sua apresentação ao público acadêmico, a Nova Teoria da Comunicação tem suscitado questões e debates de vários tipos e de intensa qualidade. No caso aqui presente, discute-se o que ela traz de diferente em relação aos estudos de recepção, à etnografia, à auto-organização, inclusive sob a óptica de Edgar Morin. Este ensaio refuta todas essas aproximações ao voltar-se ao *momento da comunicação*, ao mesmo tempo que propõe, de forma inteiramente original, um modelo para se estudar a comunicação distanciando-se do solipsismo husserliano e fazendo a imersão no mundo real, procedimento esse apoiado em Bergson e sua atualização em Deleuze, a partir da revitalização dos conceitos de afecção, percepção e intuição (MARCONDES, 2012a, p. 1).

Também ao final desse mesmo trabalho, após analisar diversos autores, Marcondes (2012a, p. 18) declara novamente:

Quando falamos que a comunicação é uma afecção que desestabiliza a função cerebral de acoplamento a uma memória anterior, tranquilizante, que ela cria memória, isso poderia sugerir que estamos no campo das ciências cognitivas, que operam com sensações, afecções e percepções de forma abstrata, puramente lógica, fisiológica ou informacional. Mas não é o caso. Nosso modelo é antes filosófico, apoiado em Bergson e atualizado por Deleuze.



Contudo, apesar de ser possível existir aproximações entre Bergson e Peirce, incluindo semelhanças nas concepções sobre percepção e a negação bergsoniana da fronteira entre mente e corpo, que é um pensamento próximo ao sinequismo peirceano, as diferenças também são significativas. A questão não é nova. Quando recebeu de William James um apêndice a seu livro *Um universo pluralístico*, comparando-o a Bergson, Peirce respondeu:

Um homem que pretende promover a ciência não pode cometer pecado maior do que utilizar seus termos sem o devido cuidado de empregá-los com rigorosa precisão; então, não é agradável para meus sentimentos ser associado com um Bergson, que parece estar fazendo o seu melhor ao misturar todas as distinções.<sup>5</sup>(PERRY, 1935, p. 438, tradução nossa).

Assim, deixamos essa hipótese explicativa das similaridades entre a teoria de Marcondes e o pragmatismo apenas registrada, aguardando outros desenvolvimentos sobre tais possíveis relações entre Peirce e Bergson apontadas por James.

### A ênfase na percepção e no apelo estético da Nova Teoria da Comunicação

Assim como Peirce, Marcondes também destaca a relevância dos processos perceptivos e da Estética ao buscar compreender o que seria o genuíno processo comunicacional, e parte da mesma base, ou seja, da generalidade dos fenômenos sógnicos, ao afirmar:

A comunicação irá acontecer exatamente quando damos alguma importância a algo que vemos, ouvimos, percebemos do ambiente externo, ou seja, quando efetivamente fazemos uma seleção, quando triamos algo com que queremos nos envolver, seja conscientemente, seja por algum recurso de captura que nos faça nos voltarmos à coisa mesmo sem intenção. Afinal, tudo no mundo (homens, animais, objeto, cenas) emite sinais; alguns o fazem de forma deliberada, para chamar a atenção, e, de fato, não são apenas afecções, são efetivas percepções. O que fazemos com elas é exatamente a pergunta principal de todo o processo comunicacional. (MARCONDES, 2012a, p. 10)

Esse destaque ao signo também aparece na epígrafe do texto “A Nova Teoria da Comunicação”, proposto como documento-base do Seminário “10 Anos de FiloCom: a Nova Teoria nos 44 anos de ECA”, sob edição de Marcondes, constituída pela seguinte citação de Kierkegaard:

<sup>5</sup>No original: “A man who seeks to further Science can hardly commit a greater sin than to use the terms of his science without anxious care to use them with strict accuracy, it is not very grateful to my feelings to be classed along with a Bergson who seems to be doing his prettiest to muddle all distinctions.”

[Em geral] não nos demoramos pensando no que é comunicar; rapidamente nos apressamos em direção ao objeto, àquilo que se pretende comunicar. [...] Um filósofo, um dogmático, um padre, etc., começam todos, imediatamente, pelo objeto que pretendem comunicar, por estudos e trabalhos preliminares que permitem se aproximar da coisa. [...] É, dessa forma, a meus olhos, por falta de probidade [pelo fato de as questões primitivas – fundamentais – jamais serem colocadas], que jamais se colocou a questão: o que é comunicar. (KIERKEGAARD apud MARCONDES, 2010A, p. 33)

## As similaridades na Primeiridade

De acordo com o pragmaticismo, estamos imersos em um universo de signos em potencial que constitui o contínuo de qualidades da categoria da Primeiridade. Por sua vez, o documento-base para o seminário dedicado à Nova Teoria, editado por Marcondes, adota postura similar:

O continuum mediático atmosférico realiza, em grande escala, a comunicabilidade da mesma forma que, em pequenos círculos, atua a cena, a interação presencial, o jogo invisível e extralinguístico da comunicação. Aqui também se produzem acontecimentos e se geram sentidos, que depois nortearão ações e posições dos agentes sociais. (MARCONDES, 2010a, p. 42)

No artigo apresentado na Compós em 2012, já citado aqui, afirma:

O cenário externo, o conjunto do mundo, seria o que Bergson chama de *percepção pura*, algo completo, universal e impessoal. E, quando eu escolho, quando eu retiro uma parte desse universo, realizo a percepção propriamente dita. Mesmo assim, o conjunto de onde foi extraída a percepção permanece vivo para mim. (MARCONDES, 2012a, p. 8)

Ao defender esse contínuo sógnico, Marcondes trata da imediaticidade que caracteriza a Primeiridade no pragmaticismo por meio de uma construção teórica intitulada Princípio da Razão Durante, que propõe estudar a comunicação no momento de sua ocorrência (MARCONDES, 2010b). Além disso, descreve o início do processo perceptivo “a partir de Bergson, Heinz von Foerster e Prokop” (MARCONDES, 2012a, p. 6) com conceitos que lembram os precursores da percepção segundo o pragmaticismo, ou seja, os qualisígnos.

Eu ouço um som, eu vejo uma luz, eu sinto algo em minha pele. Trata-se de algo pré-sígnico e pré-ideológico. São as

afecções simples, sinais ou intensidades puras de que fala von Foerster ou os *fanerons* do nominalismo antigo. A quantidade sentida dessa afecção simples não é nem objetiva, nem subjetiva, nem ativa, nem passiva, ela é simplesmente “tida”. (MARCONDES, 2012a, p. 6)

Mais à frente, no mesmo artigo, ao descrever o acontecimento do falar também destaca a relevância dos processos perceptivos e da Estética em sua busca para compreender o que seria o genuíno processo comunicacional e parte da mesma base – ou seja, da generalidade dos fenômenos sígnicos – ao afirmar:

Uma coisa é o *dizer*, outra, o *dito*. Na forma verbal do infinitivo, o verbo não está flexionado, ele não se adaptou a uma situação, a um caso, a um uso específico. Ele está livre, aguarda uma utilização possível. Por estar ainda nessa forma, o verbo permite múltipla flexibilidade, elasticidade, arranjo, adaptação, variações. [...] O dizer está no campo da experiência *in actu*, são vibrações, energias presentes, tensões, *frissons*, é vivência pura, mas, como tal, intransmissível. (MARCONDES, 2012a, p. 12-13)

Após descrever o impacto inicial do signo sobre o processo perceptivo, Marcondes passa para suas primeiras relações com o objeto, num tom que lembra o conceito peirceano de Objeto Imediato:

A consciência imediata do que aconteceu, aquilo que atinge o espírito, chama-se *intuição*. Ela mal se distingue do próprio objeto. Não é o fato de eu receber algo externo mas o de eu me voltar para fora, de *penetrar no objeto*. Nesse ponto, vê-se a nítida separação entre Bergson e Descartes e entre Bergson e Husserl. Intuição é aquilo que torna o ser capaz para uma experiência pura, é o sair de si mesmo do ser, a exclusão de seus hábitos, de suas noções adquiridas. (MARCONDES, 2012a, p. 8)

Assim como Peirce, vê a percepção como um processo interpretativo, mesmo nesse estágio ainda bem primário.

No caso da teoria da comunicação, podemos simplesmente ignorar uma grande quantidade de sinais que se mostram a nós diariamente, exatamente porque, reconhecidos instantaneamente pela memória, os descartamos como “não importantes”. É possível que a maioria absoluta desses sinais cotidianos seja assim desclassificada. A comunicação irá acontecer exatamente quando damos alguma importância a algo que vemos, ouvimos, percebemos do ambiente externo, ou seja, quando efetivamente fazemos uma seleção, quando triamos algo com que queremos nos envolver,

seja conscientemente, seja por algum recurso de captura que nos faça nos voltarmos à coisa mesmo sem intenção. (MARCONDES, 2012a, p. 10)

E, ainda próximo ao universo da Primeiridade, Marcondes aponta nossas limitações perceptivas, lembrando o conceito peirceano de falibilismo:

O que ocorre no interior de cada um de nós é insondável, não pode ser transferido, transmitido, repassado, *sentido*. Pelo mesmo motivo, não nos cabe dizer o que é que estamos sentindo quando vivenciamos um Acontecimento comunicacional, pois só os farrapos do verdadeiramente vivido têm acesso à linguagem. Tampouco podemos dizer o porquê, já que o emaranhado de variáveis está muito além de nossa vã aspiração interpretativa. Assim, a pesquisa comunicacional tem que conformar em ser lacunar, provisória, parcial. (MARCONDES, 2013b, p. 4)

### As similaridades na Secundidade

Outras surpreendentes semelhanças entre a Nova Teoria e o pragmatismo encontram-se no universo das relações mais concretas da Secundidade, quando o documento-base da Nova Teoria descreve uma passagem que poderia ser compreendida como a transição do qualisigno para o sinsigno:

Emitimos sinais. Isso ainda não é comunicar. Montanhas, nuvens, animais, massas populacionais passam à nossa frente; não estão nos comunicando nada, apenas passam, emitem sinais de sua existência. [...] Se eu não me interessar por nada disso, passarei indiferente, o sinal não despertou minha atenção. Eu preciso me voltar à coisa. [...] A partir desse momento, eu adentro o território da comunicação. (MARCONDES, 2010a, p. 36)

Também tangenciando a Secundidade, Marcondes abre artigo apresentado no congresso da Compós de 2013 no qual se propõe a apresentar etapas de pesquisa em Comunicação com afirmações próximas à percepção do objeto dinâmico:

Um dos traços diferenciais da pesquisa em comunicação segundo o procedimento metapórico é o fato de o objeto de pesquisa “se mover”. Pela precedência do objeto, pelo fato de o pesquisador segui-lo, ao invés do contrário, e pela sua própria autonomia, um Acontecimento comunicacional como foco específico de observação e investigação pode, a qualquer instante, deslocar-se para outro Acontecimento, eventualmente mais atraente e rico. [...] O importante não é a fidelidade ao tema inicial mas o olhar desperto para

ocorrências inesperadas, igualmente ou mais promissoras que o objeto atual. (MARCONDES, 2013b, p.1-2).

Em outro momento, no mesmo documento-base, reaparece essa ideia de objeto semelhante ao dinâmico:

Imergir no fenômeno comunicacional buscando apreender o acontecimento, o sopro incorpóreo, a dotação de sentido, só pode ocorrer se o pesquisador se retrair enquanto personagem e ceder toda cena ao acontecimento. É preciso garantir a sobrevivência do objeto, de seu caráter selvagem, não domesticado, indócil, pois, assim, ele poderá realizar-se em sua plenitude sem a mutilação do pesquisador. O fato de se respeitar o objeto e seu acontecimento significa que sai das mãos do pesquisador o mapa de como seguir no trajeto de sua pesquisa. (MARCONDES, 2010A, p. 39-40)

Em artigo apresentado ao congresso da Compós em 2016, intitulado “Sobre o tempo de incubação na vivência comunicacional”, Marcondes reafirma seu compromisso com a dinamicidade do objeto: “de fato, devemos nos atrever a ‘ir às coisas’, às próprias coisas, e vê-las, senti-las, deixá-las acontecer à nossa frente, absorver sua influência, perceber como interferem em nós e descrever tudo isso num relato de campo” (MARCONDES, 2016, p. 9).

A ideia de afecção, derivada de Bergson, também ganha características dinâmicas quando Marcondes, se referindo à picada de uma agulha, defende que “afecção e percepção são caminhos opostos: na afecção algo atinge meus órgãos sensoriais e se dirige ao cérebro; na percepção, é o cérebro que reenvia as impressões causadas pela picada, ‘reflete-as’, ela vira ‘representação’ (MARCONDES, 2012a, p. 7). Também, mais à frente, confere a ela características de Secundidade e de alteridade, ao declarar que “nossa tese, portanto, é a de que a comunicação é uma afecção que desestabiliza a função cerebral de acoplamento a uma memória anterior, que seria tranquilizante. Ela cria memória” (MARCONDES, 2012a, p. 11).

Porém, nessa mesma argumentação, o conceito é internalizado:

Ao sentirmos algo, reagimos. Colorimos, tingimos, adicionamos algo à coisa, nos misturamos a ela. Dotamos a afecção simples de um certo toque pessoal, de uma certa “impureza”, ela vira *afecção*. Afecção é o prazer, a dor, a emoção que eu sinto, por exemplo, diante da picada de uma agulha. É meu *pathos*. Ela ocorre dentro do corpo e tem um local de ocorrência, que é um território da minha pele, ou seja, uma extensão, *res extensae*. Quando essa afecção “se projeta”, tornando-se inofensiva, ela perde a extensão, toma-se *percepção*. (MARCONDES, 2012a, p. 7)

Se recorrermos ao pragmaticismo, diríamos que Marcondes toma por um mesmo processo os dois estágios, dinâmico e imediato, de percepção de objetos. O Dinâmico é o objeto em si próprio, com uma exterioridade que o signo não consegue expressar totalmente, restando a ele apenas indicá-lo, deixando ao intérprete a tarefa de descobri-lo por experiência colateral; enquanto o Imediato é o objeto tal como está representado no signo. Para a Nova Teoria, contudo, a afecção abrange desde a exterioridade do objeto até seus impactos na mente interpretadora.

### As similaridades na Terceiridade

Encontramos similaridades também na esfera da Terceiridade, outro Universal de Peirce que compreende os padrões, as leis e o pensamento. No artigo apresentado no congresso da Compós de 2013, ao tratar das perguntas que o pesquisador deve fazer, Marcondes (2013b, p. 3) argumenta:

A pergunta do “por quê?” acaba remetendo à mesma questão do “quê”. A resposta ao “o que é isso?” implica um fechamento do universo das possibilidades e um assentamento da resposta num fato permanente. Quando eu digo que “isso é uma mesa”, “isso é uma árvore”, “isso é uma revolução”, eu cristallo ao mesmo tempo um devir. Já não há mais devir, vir a ser, contínua transformação. Eu opero uma petrificação daquilo que é vivo. [...] *Somos nós* que procuramos as leis, as regularidades, as constâncias para explicar fenômenos; estes, ao contrário, são o que são. As explicações só nos servem para nos trazer de volta a segurança e a paz. (MARCONDES, 2013b, p.3).

É um raciocínio que se aproxima do Realismo defendido por Peirce, que considera estarmos imersos numa espécie de razão universal, razoabilidade, ou pensamento ou lógica da natureza, seguindo a vertente aristotélica. Essa lógica encontra-se em constante transformação e nossa capacidade de nos harmonizarmos com esse processo natural, por meio de trocas interpretativas que nos proporcionem mudanças de hábitos de sentimento, ação e pensamento, é a condição para os processos sígnicos mais genuínos segundo o pragmaticismo. No documento-base da Nova Teoria, Marcondes adota postura semelhante ao caracterizar aqueles que seriam os verdadeiros processos comunicacionais:

Ora, mas aquilo que vemos, ouvimos, percebemos pode também nos fazer pensar, nos forçar a pensar; ou, como sintetiza Deleuze, *nos violentar*. A comunicação é diferente da informação. Ela efetivamente questiona nosso posicionamento, ela nos sacode, nos faz sair de nós mesmos,

nos tira da tranquilidade, mexe com nossos fatos e posturas bem assentados. Ela tem a vocação de nos transformar. (MARCONDES, 2010a, p. 37)

Outro ponto de proximidade entre as duas teorias vem da defesa da alteridade como condição para processos comunicacionais genuínos. Peirce valoriza a mente coletiva, desqualifica a ideia de indivíduo como “a mais vulgar ilusão da vaidade” (PEIRCE, 1931-58, 7.571), e propõe a existência de um interpretante *commens*, ou seja, “tudo o que é, e deve ser, bem compreendido entre emissor e intérprete, desde o início, de forma que o signo em questão preencha sua função” (PEIRCE, 1906, 2.478). Marcondes também destaca a alteridade ao afirmar:

A alteridade é um tema central nessa proposta de uma ontologia da comunicação. Enquanto Ego permanecer blindado diante do mundo, autossuficiente, enquanto atuar como “sistema fechado”, nenhuma comunicação será possível. Ele absorverá apenas aquelas informações que garantam sua estabilidade. Somente quando permitir formas de incorporação daquilo que lhe é diferente, estranho, novo desconhecido, vindas de um Alter (seja uma pessoa, um objeto, uma instalação, por exemplo), somente assim será forçado a pensar e a sentir o mundo e seus sinais, estará em condições de realizar a comunicação. (MARCONDES, 2010a, p. 37-38)

Finalmente, a excepcionalidade de processos sîgnicos genuínos a partir da perspectiva pragmaticista, os quais requerem uma série de condições para se harmonizarem com a lógica da natureza (PIMENTA, 2016, p. 104), se aproxima da raridade que Marcondes atribui aos verdadeiros processos comunicacionais. Segundo ele,

há algo de errado no mundo das comunicações. Em nossa época atual não se fala de outra coisa. Comunicar é um imperativo, uma ordem. [...]. Há todo esse mundo de aparelhinhos, aparelhos grandes, máquinas, torres, canais, fibras ópticas para facilitar e proporcionar o nosso contato com o outro e com grandes comunidades. Tudo à nossa disposição para que possamos comunicar, mas não nos comunicamos. Ou, então, fingimos comunicar, aceitamos que uma troca de mensagens por computador já é um diálogo, que o fato de transmitirmos nossa cara por câmera fotográfica doméstica é estar junto com o outro. Em verdade, a sociedade da comunicação é uma sociedade em que a comunicação real vai ficando cada vez mais rara, remota, difícil e vive-se na ilusão da comunicação, na encenação de uma comunicação que, de fato, jamais se realiza em sua plenitude. (MARCONDES, 2004a, p. 8)

## Algumas possíveis divergências

Naturalmente, apesar de todos esses pontos de proximidade, há grandes e significativas diferenças entre a Nova Teoria e o pragmaticismo de Peirce. Além disso, há de se considerar a recorrente preocupação de Marcondes em diferenciar seu projeto teórico dos estudos tradicionais de Comunicação e, em especial, desde a década passada, da obra de Peirce. Portanto, assim como reunimos excertos indicando confluências, seria possível montarmos textos versando apenas sobre divergências. Como esse não é nosso propósito, indicaremos apenas aquelas derivadas dos excertos já apresentados com base nas categorias de Peirce, para que ampliemos um pouco mais as possibilidades do diálogo aqui proposto.

Nos parece que um dos principais focos de divergência encontra-se na consideração triádica dos fenômenos no pragmaticismo. Assim, quando afirmamos anteriormente – tomando por base a Primeiridade – que Marcondes descreve as primeiras relações do intérprete com o objeto num tom que lembra o conceito peirceano de Objeto Imediato, existem, no entanto, diferenças a ser ressaltadas. “A consciência imediata do que aconteceu, aquilo que atinge o espírito, chama-se *intuição*. Ela mal se distingue do próprio objeto. Não é o fato de eu receber algo externo, mas o de eu me voltar para fora, de *penetrar no objeto*”, diz Marcondes (MARCONDES, 2012a, p. 8). Até aí, apesar de recorrer ao conceito de intuição, estranho à teoria de Peirce, de fato, há alguma semelhança com ela, em vista de certo caráter de autonomia concedido ao objeto pela Nova Teoria.

Porém, ele prossegue: “Intuição é aquilo que torna o ser capaz para uma experiência pura, é o sair de si mesmo do ser, a exclusão de seus hábitos, de suas noções adquiridas” (MARCONDES, 2012a, p. 8). Nesse ponto, ele se afasta do pragmaticismo, pois, para Peirce, não existiria tal “experiência pura”. Conforme apresentamos no Quadro 1, o objeto imediato é um interpretante do objeto dinâmico, ou seja, é fruto de um processo de mediação *sígnica*. Dessa forma, compreendido como fenômeno triádico, é possível que o signo seja uma pura qualidade, em si mesmo, também algo derivado do objeto, e, ao mesmo tempo, uma interpretação. Como Marcondes não trabalha dessa forma, os conceitos não se apresentam em inter-relação, o que permite essa sua concepção de algo puro, intuitivo.

Ao considerarmos a Secundidade, conforme já apontamos aqui, há na teoria perceptiva de Peirce a apreensão do objeto sob dois aspectos ao mesmo tempo: tomado em sua radical autonomia, como dinâmico, e quando percebido por meio do signo, como imediato. Já na Nova Teoria, embora o objeto seja visto como



autônomo, com “caráter selvagem, não domesticado, indócil” (MARCONDES, 2010a, p. 39-40), e, portanto, semelhante ao objeto dinâmico, não se articula aos demais aspectos, a afecção e a percepção, descritos como processos apenas internos do processo perceptivo: “afecção e percepção são caminhos opostos: na afecção algo atinge meus órgãos sensoriais e se dirige ao cérebro; na percepção, é o cérebro que reenvia as impressões causadas pela picada, ‘reflete-as’, ela vira “representação” (MARCONDES, 2012B, p. 7).

Não há, assim, uma concepção integrada entre o objeto em sua radical autonomia em relação ao que pensemos sobre ele, sua percepção e interpretação, a exemplo do que ocorre no pragmaticismo, já a partir da ideia inicial do excerto de que o relevante “não é o fato de eu receber algo externo” (MARCONDES, 2012a, p. 8). A diferença, a nosso ver, assim como ocorreu quando apresentamos divergências na esfera da Primeiridade, decorre do fato da Nova Teoria não trabalhar seus conceitos de modo triádico. Marcondes vê o objeto como autônomo, porém, quando a percepção ocorre, ele parece ficar fora do processo.

Já em relação à dominância da Terceiridade, conforme já apontamos, o que predomina nos excertos analisados são similaridades entre o pragmaticismo e as ideias de Marcondes do processo comunicacional como devir, como algo que promove mudanças, derivado de uma necessária consideração da alteridade, e como um recurso que “jamais se realiza em sua plenitude” (MARCONDES, 2004a, p. 8). Poderíamos, contudo, relativizar esse último aspecto – aliás, um dos pontos mais polêmicos da Nova Teoria quando busca enfatizar a raridade de ocorrência da verdadeira comunicação.

A partir da obra de Peirce, consideramos, em trabalhos anteriores, que a ideia de vivermos um período de transformações cognitivas, comportamentais e perceptivas parece ser uma consequência da apreensão do princípio-guia do pensamento em rede digital multicódigos, com suas propriedades sinestésicas, coletivas e autoconscientes. A efetividade desses processos nos conduziria, então, a uma maior harmonia com as regularidades lógicas, que operam na natureza, e à consequente adequação à permanente mudança dos objetos dinâmicos, ou, conforme propõe a Máxima Pragmática, ao hábito mental geral que consiste na lei viva da produção dos efeitos percebidos (PIMENTA, 2016, p. 157).

Nesse sentido, embora exista uma aproximação entre a raridade da verdadeira comunicação para Marcondes e a falibilidade peirceana, é possível conceber, a partir da articulação descrita anteriormente, que essa situação esteja numa dinâmica de ampliação da efetividade dos processos comunicacionais sobre

a base das possibilidades abertas pelos meios digitais. Para essa compreensão, contudo, é necessária, mais uma vez, a relação triádica, pois a raridade defendida pela Nova Teoria teria de ser combinada com a dinâmica de seus contextos existenciais (secundidade) e com a geratividade semiótica de possibilidades meramente possíveis (primeiridade).

Além dessas divergências apresentadas em relação aos excertos recolhidos, poderíamos enfocar muitas outras, relacionadas a características do pensamento de Peirce já apontadas às quais Marcondes não se refere em suas avaliações, como o falibilismo, o sinequismo, as críticas ao conceptualismo e ao cartesianismo. Isso, porém, nos levaria muito além da proposta desse trabalho, podendo ser desenvolvidas em outro momento.

### Considerações finais

Dessa forma, apesar das várias diferenças entre o pragmaticismo e a Nova Teoria – entre elas as aqui apresentadas –, as confluências que conseguimos detectar são bastante sugestivas, para se dizer o mínimo. Em decorrência disso, nos perguntamos: qual seria a motivação de Marcondes em se distanciar ao máximo de uma teoria com a qual sua proposta apresenta tais similaridades? Para quem defende, conforme vimos, o pensamento temperado pela alteridade, não seria mais indicado adotar uma estratégia colaborativa, mesmo que indicando e mapeando inevitáveis divergências conceituais?

O problema, na realidade, parece envolver maior complexidade. Mais do que estabelecer fronteiras rígidas num processo de estabelecimento do campo da Comunicação, que já se mostra difícil, observa-se um caráter excludente nas críticas de Marcondes à obra de Peirce, indiciado já nos títulos dos artigos “Esquecer Peirce? I e II”. Ampliamos assim nossas indagações: seria mesmo necessário eliminar vertentes teóricas com as quais não nos identificamos, no propósito de construir novas teorias e fortalecer um campo do saber?

E, nesse caso, seria preciso abrir mão de uma proposta teórica de relevância internacional, com consistência largamente reconhecida, num quadro de poucas alternativas de reconhecida qualidade? Seriam tão graves assim os prejuízos que o estudo do pragmaticismo e da semiótica peirceana poderiam causar aos atuais esforços visando a uma compreensão mais rica dos processos de comunicação?

Essa questão nos remete a outra mais ampla que é o preconceito já histórico na área de Comunicação no Brasil contra a obra de Peirce. Apesar de ser pouco

estudada, há alguns anos chegou até mesmo a ser aventada a exclusão da semiótica da área de Comunicação, seja lá o que isso pudesse significar (e como se isso fosse possível), sendo o tema inclusive discutido em eventos organizados pela Compós. É um fenômeno que mereceria um estudo aprofundado para que se pudesse localizar suas origens e buscar possíveis explicações.

## Referências

MARCONDES FILHO, C. “A comunicação no sentido estrito e o metáporo: ou porque a Nova Teoria não é estudo de recepção, etnografia nem tem a ver com Edgar Morin”. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 21., 2012, Juiz de Fora. *Anais...* São Paulo: Compós, 2012a. Disponível em: <<https://goo.gl/xlCnsy>>. Acesso em: 1 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. “A nova teoria da comunicação”. In: \_\_\_\_\_. *Transporizações: materiais do Seminário “10 anos de FiloCom e a Nova Teoria da Comunicação”*. São Paulo: ECA/USP, 2010a.

\_\_\_\_\_. *Até que ponto de fato nos comunicamos?* São Paulo: Paulus, 2004a.

\_\_\_\_\_. “Esquecer Peirce? Dificuldades de uma teoria da comunicação que se apoia no modelo lógico e na religião (Parte 1)”. *Galaxia*, São Paulo, n. 24, p. 22-32, 2012b.

\_\_\_\_\_. “Esquecer Peirce? Dificuldades de uma teoria da comunicação que se apoia no modelo lógico e na religião (Parte 2)”. *Galaxia*, São Paulo, n. 25, p. 38-51, 2013a.

\_\_\_\_\_. *O princípio da razão durante o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica: nova teoria da comunicação III*. São Paulo: Paulus, 2010b. Tomo V.

\_\_\_\_\_. “Os equívocos de Peirce”. *Famecos*, Porto Alegre, n. 25, p. 153-67, 2004b.

\_\_\_\_\_. “Sobre o tempo de incubação na vivência comunicacional”. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 25., 2016, Goiânia. *Anais...* São Paulo: Compós, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/RzrZ0L>>. Acesso em: 1 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. “Um autômato espiritual pode ser forçado a pensar? Reflexões sobre a capacidade de avaliar os efeitos da comunicação no outro”. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 22., 2013, Salvador. *Anais Eletrônicos*, São Paulo, Compós, 2013b. Disponível em <<https://goo.gl/NZfPM7>>. Acesso em: 1 jan. 2017.

NÖTH, W. “A teoria da comunicação de Charles S. Peirce e os equívocos de Ciro Marcondes Filho”. *Galaxia*, São Paulo, n. 25, p. 10-23, 2013.

PEIRCE, C. S. *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Cambridge: Harvard University Press, 1931 – 1958.

\_\_\_\_\_. *The essential Peirce: selected philosophical writings*. Indiana: Peirce Edition Project, 1998.

PERRY, R. B. *The thought and character of William James*. Boston: Little, Brown & Company, 1935.

PIMENTA, F. *Ambientes multicódigos, efetividade comunicacional e pensamento mutante*. São Leopoldo: Unisinos, 2016.